



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](https://portaldeperiodicos.capes.gov.br/)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:


<https://revistajrg.com/index.php/jrg>


ISSN: 2595-1661

Revista JRG de
Estudos Acadêmicos

Experiências maternas no contexto do transtorno do espectro autista: revisão integrativa da literatura


Maternal experiences in the context of autism spectrum disorder: integrative review of the literature


 DOI: 10.55892/jrg.v9i20.3210

 ARK: 57118/JRG.v9i20.3210

Recebido: 21/04/2026 | Aceito: 24/04/2026 | Publicado on-line: 25/04/2026

Fernanda Caroline Corrêa Guedes¹


 <https://orcid.org/0009-0009-9311-5790>


 <https://lattes.cnpq.br/9764582402265064>

Faculdade Adventista do Paraná, PR, Brasil

E-mail: psifernandaguedes@gmail.com

Ana Carolina Jacinto Alarcão²

 <https://orcid.org/0000-0003-1786-8167>

 <http://lattes.cnpq.br/8936748165819946>

Faculdade Adventista do Paraná, PR, Brasil

E-mail: anacjalarcao@gmail.com



Resumo

Pesquisas indicam aumento expressivo nos diagnósticos de Transtorno do Espectro Autista (TEA), evidenciando que mães, geralmente como principais cuidadoras, vivenciam de forma mais intensa as exigências decorrentes das necessidades específicas dos filhos. Este estudo descreve experiências maternas no contexto do TEA por meio de revisão integrativa da literatura, baseada em seis estudos selecionados em três bases científicas. A análise foi sistematizada em fluxograma PRISMA Versão 2020 (adaptado), para assegurar apresentação transparente e sistemática do processo de seleção dos estudos (Page et al., 2021). A partir desta análise foram identificados quatro eixos centrais: impacto do diagnóstico, sobrecarga materna, necessidade de rede de apoio e processo de aceitação. Apesar das diferentes realidades geográficas, constatou-se que mães de filhos autistas compartilham experiências semelhantes, revelando carência de políticas públicas e ações efetivas que assegurem melhores condições de vida, reconhecendo-as não apenas como cuidadoras, mas como sujeitos de direitos que demandam atenção e valorização.

Palavras-chave: Maternidade; Cuidadores; Transtorno do Espectro Autista; Saúde Mental; Revisão Integrativa da Literatura;

¹ Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal do Mato Grosso-UFMT; Graduada em Psicologia pela Faculdade Adventista do Paraná; Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pelo Centro Universitário Internacional- UNINTER.

² Psicóloga graduada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Saúde Mental e Intervenção Psicológica pela UEM. Mestrado e Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Maringá (PPG/UEM).



Abstract

Research indicates a significant increase in diagnoses of Autism Spectrum Disorder (ASD), demonstrating that mothers, often as primary caregivers, experience the demands arising from their children's specific needs more intensely. This study describes maternal experiences in the context of ASD through an integrative literature review based on six studies selected from three scientific databases. The analysis was systematized in a PRISMA Version 2020 flowchart (adapted) to ensure a transparent and systematic presentation of the study selection process. From this analysis, four central axes were identified: impact of diagnosis, maternal burden, need for a support network, and the process of acceptance. Despite the different geographical realities, it was found that mothers of autistic children share similar experiences, revealing a lack of public policies and effective actions that ensure better living conditions, recognizing them not only as caregivers, but as subjects with rights who demand attention and appreciation

Keywords: Motherhood; Caregivers; Autism Spectrum Disorder; Mental Health; Integrative Literature Review;

1. Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é descrito como um transtorno do desenvolvimento que abrange características peculiares especialmente no que se refere a inabilidade nas interações sociais, dificuldades na comunicação, e comportamentos restritos e repetitivos ⁽¹⁾. O diagnóstico do TEA é indicado entre os 18 e 24 meses de vida, quando os primeiros sintomas geralmente são percebidos e diferenciados de outros transtornos do desenvolvimento ⁽²⁾. O DSM-V traz uma nota que inclui dentro do TEA, indivíduos devidamente diagnosticados com autismo no DSM-IV, com transtorno de Asperger, e ainda aqueles com Transtorno Global do Desenvolvimento sem que haja outra especificação ⁽³⁾. A ampliação do espectro expande a variedade de manifestações das características do transtorno.

A gravidade do TEA, deve ser registrada de acordo com a necessidade de suporte para comunicação social e comportamentos restritos e repetitivos. Indivíduos com nível 1 de suporte são classificados como “exigindo apoio”, na falta deste suporte essas pessoas são malsucedidas nas interações sociais, quanto ao comportamento são inflexíveis e com dificuldades em alterar as atividades na organização e planejamento, o que dificulta sua independência. Pessoas com nível 2 de suporte são descritas “exigindo apoio substancial”, nestes casos, habilidades de comunicação verbal e não verbal apresentam-se com maior prejuízo. Torna-se evidente ao observador os comportamentos inflexíveis, restritos e repetitivos, o que interfere no funcionamento em variados contextos e acarreta sofrimento em mudar o foco das ações. No nível 3 de suporte, a classificação é de “exigência de apoio muito substancial”, para estes indivíduos o grave déficit na comunicação limita iniciativas em interações sociais e aberturas sociais iniciadas por outros. O prejuízo causado pela inflexibilidade e rigidez nos comportamentos restritos e repetitivos interferem em todas as esferas da vida ⁽³⁾.

Os EUA contam com um programa intitulado como Rede de Monitoramento de Autismo e Deficiências de Desenvolvimento, que visa monitorar ativamente a prevalência do TEA, buscando identificar o momento do diagnóstico entre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. Os dados apresentados no ano de 2020 dentre os 11 locais monitorados mostraram uma prevalência geral de 21,5% sendo maior entre os meninos em todos os estados ⁽⁴⁾.



Em sua revisão sistemática, Salgado et al ⁽⁵⁾, apresenta acréscimo de casos diagnosticados de autismo em diferentes locais do mundo, como nos EUA, que embora haja disparidades quanto ao sexo, gênero e etnias, os resultados revelaram um aumento de 150%. A reforma psiquiátrica, a transição epidemiológica, avanços nos critérios de diagnósticos e melhora na capacitação de equipes multiprofissionais, são fatores reconhecidos no Brasil por permitirem o aumento dos diagnósticos de TEA nos últimos anos ⁽⁵⁻⁶⁻⁷⁾.

Observa-se um avanço significativo nas pesquisas sobre o autismo, o qual está associado ao progresso das políticas internacionais, impulsionado, em parte, pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (UNCRPD). Essa convenção destaca conceitos fundamentais, como o respeito pela dignidade humana e pela liberdade de escolha, além de princípios que evidenciam a necessidade de enfrentamento da segregação historicamente imposta às pessoas com deficiência, tais como a não discriminação, a inclusão e a aceitação dessas pessoas como parte integrante da diversidade humana ⁽²⁾.

Destoando do progresso na produção científica sobre o TEA, as publicações que abrangem as vivências parentais de filhos com diagnóstico do transtorno não avançam na mesma medida, especialmente em países de média e baixa renda. Essa assimetria na disponibilidade de pesquisas acessíveis compromete a construção de um conhecimento global mais abrangente e representativo sobre o tema ⁽⁸⁾.

Pesquisas mostram que a experiência materna de mães de filhos com TEA exige uma dedicação que potencializa a sobrecarga materna, e conseqüentemente prejudicando a saúde mental dessas mulheres. Ao examinar o comportamento de jovens adultos com baixo rendimento e o impacto familiar de acordo com a variabilidade do transtorno e da cultura das famílias, foi identificado menor bem-estar nas mães de indivíduos com TEA ⁽⁹⁾. Considerando a relevância da promoção da saúde mental materna, o presente trabalho tem por objetivo descrever experiências de mães de filhos com TEA, e analisar os aspectos envolvidos em suas vivências.

2. Metodologia

Com o intuito de acessar o maior número de publicações disponíveis a respeito das vivências de mães com filhos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), o presente trabalho teve por método realizar uma pesquisa de revisão integrativa, que de forma detalhada viabiliza analisar um amplo número de trabalhos já publicados com o intuito de melhor compreender um fenômeno ⁽¹⁰⁾. Sendo este, um método constituinte das Práticas Baseadas em Evidência (PBE), dispõe de recursos que conferem maior fidedignidade à pesquisa ⁽¹¹⁾.

Para a construção da pergunta de pesquisa, utilizou-se a estratégia PICO, sendo: P (População: mães), I (Interesse: vivências e experiências maternas) e CO (Contexto: autismo). Essa estratégia é recomendada para estudos de natureza qualitativa, pois permite a organização dos elementos centrais da busca e confere maior precisão ao processo de revisão ⁽¹²⁾. Assim estruturou-se a questão da revisão: "Quais são os aspectos envolvidos nas vivências de mães no cuidado de filhos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)?"

A busca pelas publicações se deu no período de março à abril de 2024, através das seguintes bases de dados: Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e PubMed. Fazendo uso dos operadores Booleanos, AND, OR e AND NOT a estratégia de busca ocorreu articulando os Descritores em Ciências da Saúde: "Mothers", "Autism" e "Experience". Através desse método foram encontrados 186 artigos na base de



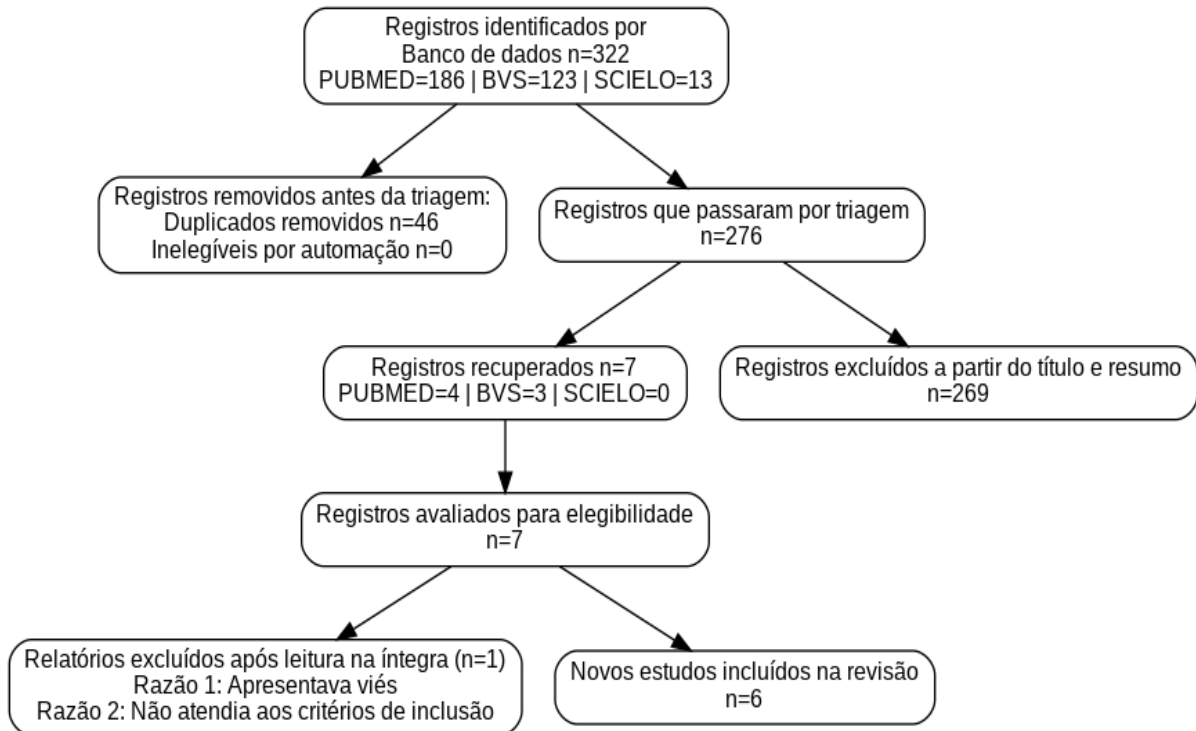
dados PUBMED, 13 na SCIELO e 123 na BVS. A busca por descritores em inglês possibilitou a análise de artigos de diferentes nacionalidades enriquecendo os resultados da pesquisa.

Foram elencados os seguintes critérios de inclusão: pesquisas que apresentem temáticas relacionadas às experiências não pré-definidas de vida das mães de filhos com TEA, pesquisas que não tenham outras deficiências associadas, publicações gratuitas, pesquisas com metodologia exploratória através de busca de dados por meio de entrevistas com análise qualitativa. A partir de tais critérios, dos 322 artigos encontrados, 6 foram selecionados para análise.

A seleção final de seis artigos reflete uma escolha deliberada pelo rigor qualitativo em detrimento da abrangência quantitativa. Priorizaram-se estudos exploratórios com entrevistas para garantir a profundidade das vivências subjetivas e particularidades da maternidade atípica. Esse recorte justifica-se pela busca de uma análise densa e detalhada, assegurando que o estudo respondesse à complexidade dos fenômenos psicossociais investigados, o que legitima a amostra reduzida em prol da qualidade analítica.

A fim de melhor descrever os procedimentos utilizados para filtrar os artigos selecionados foi realizada a produção de um Fluxograma PRISMA – Versão 2020 (Adaptado). O fluxograma PRISMA tem como finalidade principal guiar a apresentação transparente do processo de seleção de estudos. Este modelo atualizado aprimora a clareza e a precisão na apresentação dos dados, contemplando não apenas registros das bases, mas também outras fontes, além de separar de forma mais detalhada as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão⁽¹³⁾.

Figura 1- Fluxograma Prisma



Fonte: Própria (2024).



3. Resultados e Discussão

Por meio de criteriosa análise dos seis artigos científicos selecionados para a presente revisão integrativa, foi possível identificar 4 eixos temáticos que se destacaram nos discursos das mães entrevistadas em todas as pesquisas. Sendo eles: Impacto emocional do diagnóstico, consequências da sobrecarga materna, prejuízo nas interações e relacionamentos interpessoais, importância da rede de apoio e processo de aceitação. Destes, emergiram outros subtemas que foram agrupados da seguinte maneira:

Quadro 1

Temas	Subtema A	Subtema B	Subtema C
Impacto emocional do diagnóstico	A culpa pela crença de ter causado o TEA, ou pela demora no diagnóstico	Frustração pela perda do filho idealizado	Preocupações quanto ao futuro
Consequências da sobrecarga materna	Negligência do autocuidado	Fragilidade no relacionamento conjugal	Prejuízo nas interações e relacionamentos interpessoais
Importância da rede de apoio	Suporte familiar	Suporte espiritual	Suporte profissional / Grupos de apoio
Processo de aceitação	Ressignificação da maternidade atípica	Adaptação do cuidado ao filho	Promoção da saúde mental materna

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

O quadro a seguir sistematiza os resultados da pesquisa integrativa dos seis artigos selecionados:

Quadro 2 – Caracterização dos estudos incluídos na revisão integrativa sobre vivências maternas no Transtorno do Espectro Autista

Autor/Ano	País	Objetivo	Delineamento	Amostra	Categoria temática	Principais achados
Navot; Jorgenson; Webb (2017)	EUA	Explorar experiência materna e relação mãe-filha	Qualitativo exploratório	11 mães	Impacto do diagnóstico e vivência emocional	Atraso diagnóstico; culpa; preocupações com puberdade e futuro; processo de aceitação.
Papadopoulos (2021)	Grécia	Investigar experiências de mães de crianças com TEA	Qualitativo exploratório	9 mães	Sobrecarga e impacto psicossocial	Frustração inicial; sobrecarga; prejuízo conjugal e social; dificuldades financeiras.
Asmare et al. (2023)	Etiópia	Examinar experiências maternas no TEA	Qualitativo exploratório	20 mães	Rede de apoio e enfrentamento	Choque inicial; sobrecarga; isolamento social; necessidade de apoio; resignificação.



Autor/Ano	País	Objetivo	Delineamento	Amostra	Categoria temática	Principais achados
Monteiro et al. (2008)	Brasil	Compreender a vivência de mães de crianças com TEA	Qualitativo fenomenológico	14 mães	Impacto na rotina e adaptação	Impacto diagnóstico; mudanças no cotidiano; sobrecarga; importância de apoio.
Smeha; Cezar (2015)	Brasil	Compreender sentimentos maternos	Qualitativo descritivo	4 mães	Vivência da maternidade atípica	Impacto inicial; desafios cotidianos; necessidade de suporte; expectativas futuras.
Constantinidis et al. (2018)	Brasil	Compreender significados da experiência materna	Qualitativo exploratório	6 mães	Sobrecarga e suporte social	Sobrecarga; prejuízo relacional; impacto financeiro; importância do suporte.

Fonte: Elaborado pela autora (2026).

DISCUSSÃO

A apresentação e discussão dos resultados foi realizada por meio da sistematização de cinco eixos temáticos, sendo:

1. Impacto emocional do diagnóstico

O primeiro tema a ser destacado nos resultados desta pesquisa revela o impacto gerado quando as mães recebem o diagnóstico confirmando o transtorno dos filhos, pois são tomadas por sentimentos difíceis, como culpa por ter causado o transtorno, luto pelo filho idealizado ou pela maternidade idealizada, e ainda há o medo e incerteza quanto ao futuro dos filhos.

1.A A Culpa pela crença de ter causado o TEA, ou pela demora no diagnóstico

O sentimento de culpa foi reconhecido em diferentes relatos das pesquisas analisadas. E quão mais limitado é o conhecimento das mães a respeito do TEA, maior o impacto do diagnóstico ao passo que as mães são tomadas pelo sentimento de culpa ao assumirem a responsabilidade pela causa do transtorno do filho, ou pela demora em iniciar a busca pelo diagnóstico.

A pesquisa realizada por Papadoulos⁽¹⁴⁾, mostra que a maioria das mães entrevistadas referiram sentir-se culpadas quando receberam o diagnóstico, muitas se perguntaram se elas eram as causadoras do transtorno. Este resultado está em conformidade com o que trata Zavaglia⁽¹⁵⁾, onde retrata o impacto da estigmatização da mulher onde é oprimida socialmente como a única responsável pelos cuidados com os filhos. Mediante o diagnóstico de TEA, é imputada às mães a culpa pelo transtorno ou elas mesmas a assumem.



1.B Frustração pela perda do filho idealizado

Os dados obtidos através desta pesquisa revelam que um dos principais impactos das mães ao receberem o diagnóstico dos filhos é a frustração diante da realidade em não experienciar a maternidade que haviam idealizado. Um filho dentro do espectro impossibilita vivenciar a relação que essas mães esperavam construir com seus filhos, e, a princípio, encarar essa realidade lhes traz intensa angústia.

O estudo realizado por Navot et al. ⁽¹⁶⁾ mostra os relatos de mães que no processo inicial ao diagnóstico, sofreram decepção ao perceberem que suas filhas autistas não corresponderiam às expectativas que haviam construído para esse relacionamento mãe-filha. Um estudo realizado em 2020 reforça os desafios que as mães de meninas com autismo vivenciam ao criar suas filhas, uma vez que ainda são escassos os estudos a respeito das manifestações de TEA no público feminino ⁽¹⁷⁾.

As narrativas de mães entrevistadas por Constantinidis et al. ⁽¹⁸⁾ revelam a frustração que experienciam ao se deparar com a realidade de ter um filho autista, ao passo que percebem ao receber o diagnóstico, que não terão atendidas as expectativas iniciais que haviam idealizado para os filhos. Para algumas dessas mães é tão difícil lidar com o diagnóstico, que passam por um período de negação, evitando admitir a possibilidade que o filho venha apresentar uma condição especial.

Estes resultados corroboram com um estudo que mostra que o ambiente familiar sofre drásticas transformações a partir do diagnóstico dos filhos, uma vez que percebem que o lar jamais voltará a ser o que era, onde os cuidadores podem experimentar uma fase de extrema angústia ⁽¹⁹⁾.

1.C Preocupação quanto ao futuro

Em todos os artigos analisados foi identificada a preocupação que as mães entrevistadas revelaram sentir em relação ao futuro dos filhos atípicos. A pesquisa realizada por Papadoulos¹³, descreve falas de mães a respeito das incertezas que o diagnóstico do autismo confere sobre como se dará o desenvolvimento dos filhos. Não saber o que os filhos poderão alcançar em termos de desenvolvimento e autonomia, repercute em sensação de angústia pelo medo das dificuldades que esses filhos possam enfrentar no futuro em consequência às suas limitações.

A apreensão quanto ao futuro dos filhos foi um dado também identificado na pesquisa de Roquette et al. ⁽²⁰⁾, que dentre as narrativas apresentadas mostra o temor dos pais em não saber quem dará suporte aos filhos quando não mais estiverem presentes, uma vez que estes filhos não conseguem exercer suas vidas de forma autônoma.

Ao abordar especificamente as experiências de mães de meninas com TEA, uma das pesquisas analisadas evidenciou seus anseios em relação ao futuro das filhas. Para além das incertezas quanto às possibilidades de realização pessoal e autonomia, destacam-se preocupações referentes às características singulares do transtorno, as quais podem tornar essas meninas mais vulneráveis a situações de abuso e relacionamentos abusivos ⁽¹⁶⁾.

Um estudo realizado em Taiwan, evidencia que o suporte profissional oferecido no momento do diagnóstico contribui para minimizar os anseios dos pais quanto ao futuro dos filhos, de modo que a satisfação dos pais na comunicação sobre o diagnóstico do TEA, influencia a forma como irão lidar com a nova realidade e o sucesso na adesão ao tratamento ⁽²¹⁾.



2. Consequências da sobrecarga materna

A pesquisa mostrou que a vida das mães entrevistadas é dedicada exaustivamente aos cuidados e necessidades dos filhos. Por suas singularidades, os indivíduos diagnosticados com TEA precisam de cuidados diferenciados, tais como estímulos através de diferentes terapias a fim de potencializar seu desenvolvimento, permitindo que alcancem uma vida mais autônoma possível. Para isso, muitas dessas mães abdicam de suas carreiras profissionais, de suas próprias necessidades e de seu convívio social, a fim de atender as necessidades dos filhos.

2.A Negligência com o autocuidado

Dentre as pesquisas analisadas, foram obtidos dados que descreve como a exaustiva rotina das mães de crianças autistas as impedem de realizar atividades de autocuidado, prejudicando sua qualidade de vida⁽²²⁾. Algo semelhante foi observado na pesquisa de Whitney⁽²³⁾, na qual as mães de filhos com TEA confessaram que apesar de mostrarem conseguir equilibrar suas muitas funções, na verdade consideram extremamente difícil exercer outras atividades em paralelo com os cuidados dos filhos.

Ao analisar a sobrecarga de cuidadores de crianças e adolescentes autistas, Niekerk et al., identificaram que as diferentes atividades vinculadas às necessidades dos filhos autistas, impede os cuidadores (maior número identificado como as mães) a conseguirem separar tempo para suas próprias atividades de autocuidado⁽²⁴⁾.

2.B Fragilidade no relacionamento conjugal

As falas das mães analisadas na presente pesquisa mostram que essas mulheres estão tão intimamente ligadas às demandas dos filhos diagnosticados com TEA, que lhes falta tempo e disposição para interagirem com outros membros da família, como outros filhos e companheiros. Na pesquisa realizada por Constantinidis, é possível perceber que enquanto as mães estão imersas no universo do filho autista, renuncia a aspectos importantes de sua vida, como momentos de intimidade com o companheiro⁽¹⁸⁾.

O prejuízo nos relacionamentos conjugais é observado em outras pesquisas como de Whitney, que descreve o anseio de algumas mães em encontrar tempo de qualidade com seus maridos⁽²³⁾. Gagat-Matula corrobora com tais dados, compartilhando informações obtidas em sua pesquisa realizada durante a pandemia do COVID-19, que mostra a baixa satisfação conjugal entre pais de filhos com TEA⁽²⁵⁾.

2.C Prejuízo nas interações e relacionamentos interpessoais

Nos relatos analisados foi observado que o convívio social das mães entrevistadas foi profundamente modificado em decorrência dos traços autísticos dos filhos e de toda a rotina de cuidados que estes filhos demandam.

Na pesquisa de Papadopoulos⁽¹³⁾ foi evidenciado narrativas de mães que por sentirem-se estigmatizadas pelas características singulares dos filhos, passaram a viver de forma mais reclusa, ou a conviver num círculo restrito com outras famílias também dentro do espectro autista, afastando-se dos antigos amigos. Um estudo quantitativo contribui com o tema ao apresentar em seus resultados a relação do comprometimento social das crianças com TEA, e maior nível de estresse em suas mães que acabam sendo privadas de suas atividades sociais⁽²⁶⁾.

Um tema que foi recorrente na análise dos dados desta pesquisa, foi a necessidade que as mães sentiram em optar pela dedicação exclusiva aos cuidados dos filhos em detrimento de seu exercício profissional. Na pesquisa realizada por Monteiro et al.⁽²⁷⁾, 100% das mães entrevistadas estavam em dedicação exclusiva da casa e dos filhos por



entenderem que os filhos necessitavam delas em tempo integral. Para alguns, essa realidade foi descrita com pesar, enquanto outras relataram compreender esse ofício como uma missão de vida, assumida com sentido e propósito.

Tal resultado coaduna com o trabalho realizado por Rafat e Usun ⁽²⁸⁾, que revelaram a partir de entrevistas com famílias de crianças com TEA, que uma parcela significativa das mães deixou seus trabalhos a fim de assumirem os cuidados com o filho autista. Diferente dos pais, que não sofreram mudanças na sua vida profissional, e deixaram a demanda de cuidados do filho exclusivamente aos encargos da mãe.

3. Importância da rede apoio

Os artigos aqui selecionados apresentaram um panorama onde as mães representadas assumem a maior parte dos afazeres domésticos e de cuidados com os filhos, tornando sua rotina exaustiva.

A relevância de suporte familiar e social em sua rotina é evidente em suas falas, assumindo importância, nesta perspectiva, os grupos de apoio às famílias autistas, os quais são destacados como importantes ferramentas sociais que possibilitam vivenciar a maternidade atípica com maior leveza. Tal suporte se revela como fator mediador para o alívio de manifestações de esgotamento parental entre pais de crianças com TEA, especialmente para as mães que estão mais suscetíveis a vivenciar baixo apoio social ⁽²⁹⁾.

3.A Suporte familiar

Dentre os trabalhos analisados, foi identificada a importância do suporte familiar na rotina das mães de filhos autistas. Em uma das pesquisas foi elencada a família nuclear como principal suporte, seguido pelo apoio de avós e dos irmãos das crianças autistas ⁽²²⁾. O reflexo do apoio familiar foi também percebido no trabalho executado por Magalhães et al. ⁽³⁰⁾. Dentre os relatos apresentados, pode-se perceber que, quando falta o apoio da família, o processo do cuidado das crianças autistas é apresentado com maior agrura.

3.B Suporte espiritual

Outro dado relevante evidenciado neste estudo foi o papel da fé como uma importante ferramenta que contribui para o processo de ressignificação da vida dessas mães, indicando que a crença em um ser superior oferece recursos que possibilitam às mães de filhos diagnosticados com TEA vivenciar a maternidade de forma mais branda ⁽²²⁻²⁷⁾. Corroborando esses resultados, a prática da espiritualidade foi identificada por Van Niekerk ⁽²⁴⁾ como um dos fatores de proteção na vida de cuidadores de indivíduos com TEA.

3.C Suporte profissional/ grupos de apoio

O trabalho desenvolvido por Constantinidis ⁽¹⁸⁾, esclarece que uma rede social de suporte proporciona o envolvimento de pessoas ou instituições, que geram benefícios de ordem financeira, social e emocional. No mesmo trabalho apresenta a relevância de grupos como associações de pais para as famílias de indivíduos com TEA, uma vez que essas famílias vivenciam experiências semelhantes, compreendendo os desafios uns dos outros.

A participação em grupos de apoio revela-se uma estratégia eficaz no enfrentamento de desafios parentais. A vivência grupal favorece o compartilhamento, a ampliação e o enriquecimento das experiências individuais, promovendo um processo de aprendizagem mútua entre pares. Nessas interações, recursos até então desconhecidos



podem emergir, contribuindo para a atenuação de sentimentos negativos e a superação do isolamento social⁽³¹⁾.

O suporte profissional além de ser de fundamental importância para o desenvolvimento dos indivíduos diagnosticados com TEA, foi reconhecido através dos resultados desta pesquisa como importante suporte para aquisição de conhecimento a respeito do TEA, o que contribui de forma significativa para minimização da angústia que as mães experimentam ao receber o diagnóstico⁽¹⁶⁻¹⁸⁻²³⁻³⁴⁾.

A escassez de auxílio profissional para auxiliar as famílias a compreenderem que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento de causa multifatorial, favorece o sentimento de culpabilização das mães que por falta de conhecimento assumem a causa do transtorno dos filhos⁽⁸⁾.

Nesse contexto, destaca-se a relevante atuação do profissional psicólogo no acolhimento às famílias de pessoas com TEA. Um exemplo significativo são os grupos terapêuticos mediados por psicólogos, que oferecem aos familiares um espaço seguro de escuta e acolhimento, onde suas demandas podem ser compartilhadas e ressignificadas a partir da vivência coletiva com outros membros do grupo⁽³²⁾.

4. Processo de aceitação

Apesar dos desafios apresentados a partir dos resultados da pesquisa, salienta-se que o processo de aceitação é um fator imprescindível nos processos de ressignificação da maternidade atípica e de adaptação dos cuidados singulares que os filhos demandam, e ainda como um fator importante para promoção de saúde mental materna.

4.A Ressignificação da maternidade atípica

Com a aceitação da condição singular do filho, desvela-se um novo horizonte para as mães de filhos diagnosticados com TEA, de modo que conseguem enfim dar novo sentido à maternidade e vislumbrar novas possibilidades para o futuro dos seus filhos⁽²⁷⁾.

A partir das entrevistas analisadas, foi possível reconhecer que através do processo de aceitação da condição singular dos filhos, abre-se o horizonte para uma nova maternidade a ser desfrutada, embora seja distinta daquela idealizada inicialmente. De modo que ao aceitar o modo atípico dos filhos conseguem apreciar a relação possível de ser construída com eles⁽¹⁶⁻¹⁸⁻³⁴⁾.

Estes resultados são validados pelo estudo realizado por Fadda e Cury⁽³³⁾, que demonstrou a importância da narração da condição dos filhos feita pelos próprios pais. De fato, por meio dessa experiência, os pais conseguiram ter um olhar mais integral dos filhos, percebendo suas características peculiares como integrantes de quem eles são, proporcionando aceitação dos filhos e permitindo uma nova experiência de cuidado.

4.B Adaptação do cuidado dos filhos

A aceitação da nova maternidade contribui para a prática materna adaptada às necessidades de um filho dentro do espectro autista. As pesquisas analisadas identificaram quão vinculado o acesso ao conhecimento está na raiz do processo de aceitação do diagnóstico do filho e tudo o que envolve esta condição. Este resultado é de suma importância para a adaptação dos cuidados dos filhos, uma vez que, o conhecimento permite reconhecer as reais necessidades dos filhos e os possíveis tratamentos que possibilitam o melhor desenvolvimento desses indivíduos.

A pesquisa de Asmare et al.⁽³³⁾ mostrou que reconhecer e aceitar a singularidade dos filhos permite desenvolver habilidades, tais como paciência e interesse em buscar conhecimento para prover os cuidados dos quais os filhos necessitam. Uma pesquisa



realizada em Taiwan revela que a qualidade do aconselhamento oferecido aos pais no momento do diagnóstico tem grande impacto na satisfação parental que influenciará na adesão ao tratamento do autismo⁽²⁰⁾.

Houve relatos onde foi descrita a falta de preparo dos profissionais ao apresentar o diagnóstico, faltando acolhimento e esclarecimento sobre o transtorno às famílias. Essa carência de conhecimento prolonga o sofrimento dos cuidadores que são atormentados por inúmeras fantasias do que pensam ser a condição dos filhos até então desconhecida⁽¹³⁾.

Em concordância com tal afirmativa, Manono e Clasquim-Jhonson⁽⁸⁾ apresentam em sua pesquisa o quão fundamental é para a família receber suporte profissional e acesso às informações fidedignas a respeito do TEA desde o momento do diagnóstico.

4.C Promoção da saúde mental das mães

Apesar dos desafios da experiência da maternidade atípica, a aceitação da condição do filho permite aceitar a sua própria situação pessoal, o que contribui para promover a saúde mental dessas mães. Assim como o reconhecimento da condição do filho permite que as mães passem a se orgulhar da própria maternidade, encontrando novo sentido para a própria existência⁽²⁷⁾.

Achados nessa pesquisa revelam que a experiência da maternidade atípica contribuiu para o desenvolvimento de resiliência, paciência e empatia⁽³⁴⁾. Resultado similar foi obtido por Chain et al.⁽³⁵⁾, em seu estudo fenomenológico, no qual reconhece que conforme as mães de crianças autistas aceitam sua condição e a do filho com todas os seus desafios, é possível a tomada da consciência para encontrar ferramentas que promovam sua qualidade de vida.

3. Considerações Finais

Por meio da presente revisão integrativa foi possível identificar que em diferentes regiões do mundo, mães de indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) compartilham de experiências semelhantes. A começar pelo impacto do diagnóstico, que por vezes envolve sentimento de culpa, e impõe uma difícil fase na vida destas mães que precisam se habituar com o luto do filho idealizado e da relação que esperavam ter com esse filho.

Diante das diferentes demandas que sobrevêm das necessidades destes filhos, são as mães que abdicaram de parte ou totalmente de suas vidas profissionais, sociais e até mesmo pessoais para atender tais necessidades, o que acarreta intensa sobrecarga materna. A rotina dessas mães torna-se tão intimamente vinculada às demandas dos filhos, que suas relações sociais, até mesmo com outros membros da própria família como esposo e/ou outros filhos pode tornar-se fragilizada.

Diante de tamanhas modificações na vida dessas mulheres, o suporte social (seja familiar, profissional, ou por meio de grupos de apoio), confere à essas mães apoio fundamental para vivenciar os desafios da maternidade atípica com maior leveza. Ademais, o acesso às informações de fontes fidedignas a respeito do TEA, contribui em grande medida para que essas mulheres consigam compreender que não foram as causadoras do transtorno e consigam enxergar as possibilidades que os filhos podem alcançar.

Conforme se estabelece a aceitação da condição singular dos filhos, a relação das mães com estes passa por um processo de ressignificação e pode enfim ser desfrutada sob uma nova perspectiva diferente daquela frustrada ao receber o diagnóstico.



Referências

1. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION; DSMTF et al. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5**. Washington, DC: American Psychiatric Association, 2013. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/72/ss/ss7201a1.htm>. Acesso em: 4 ago. 2024.
2. ZEIDAN, Jinan; FOMBONNE, Eric; SCORAH, Julie et al. Prevalência global do autismo: uma atualização da revisão sistemática. **Autism Research: official journal of the International Society for Autism Research**, v. 15, n. 5, p. 778–790, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/aur.2696>. Acesso em: 4 ago. 2024.
3. AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
4. CENTROS DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS (CDC). Prevalência de transtorno do espectro do autismo entre crianças de 8 anos - rede de monitoramento de autismo e deficiências de desenvolvimento, 11 sites, Estados Unidos, 2010. **MMWR Surveillance Summaries**, v. 63, n. 2, p. 1–21, 28 mar. 2014. PMID: 24670961. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24670961/>. Acesso em: 4 ago. 2024.
5. SALGADO, N. D. M. et al. Transtorno do Espectro do Autismo em crianças: uma revisão sistemática do aumento da incidência e diagnóstico. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 11, n. 13, p. e512111335748, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i13.35748. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/35748>. Acesso em: 16 out. 2024.
6. MARTINS, T. C. F. et al. Transição da morbimortalidade no Brasil: um desafio aos 30 anos de SUS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 10, p. 4483–4496, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212610.1085202>. Acesso em: 16 out. 2024.
7. OLIVEIRA, B. D. C. D. et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 27, n. 3, p. 707–726, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-73312017000300017>. Acesso em: 16 out. 2024.
8. MONONO, Mbalenhle; CLASQUIN-JOHNSON, Mary G. “Yebo, foi um grande alívio”: como as mães experimentam os diagnósticos de autismo de seus filhos. **African Journal of Disability**, v. 12, p. 1101, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4102/ajod.v12i0.1101>. Acesso em: 5 out. 2024.
9. EISENHOWER, Abadia S.; BAKER, Bruce L.; BLACHER, Jan. Crianças em idade pré-escolar com deficiência intelectual: especificidade da síndrome, problemas de comportamento e bem-estar materno. **Journal of Intellectual Disability Research**, v. 49, n. 9, p. 657–671, 2005.
10. SOUZA, Marcela T. S.; SILVA, Michelly D.; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer? **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, p. 102–106, mar. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 14 jun. 2024.



11. MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 14 jun. 2024.
12. SANTOS, C. M. C.; PIMENTA, C. A. M.; NOBRE, M. R. C. A estratégia PICO para a construção da pergunta de pesquisa e busca de evidências. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 15, n. 3, p. 508-511, 2007.
13. PAGE, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., ... & Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ**, 372, n71. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmj.n7> Acesso em: 2 jul. 2024.
14. PAPADOPOULOS, D. Experiências e desafios das mães na criação de uma criança com transtorno do espectro autista: um estudo qualitativo. **Brain Sciences**, v. 11, n. 3, p. 309, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/brainsci11030309>. Acesso em: 4 ago. 2024.
15. ZAVAGLIA, Marina Miranda Fabris. **A experiência vivida de mães de filhos diagnosticados como autistas e sofrimento social**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: http://ccv_ppgpsico_me_Marina_MFZ.pdf. Acesso em: 10 out. 2024.
16. NAVOT, N.; JORGENSON, A. G.; WEBB, S. J. Experiência materna na criação de meninas com transtorno do espectro autista: um estudo qualitativo. **Child: Care, Health and Development**, v. 43, n. 4, p. 536–545, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/cch.12470>. Acesso em: 3 jul. 2024.
17. FREIRE, Milson Gomes; CARDOSO, Heloísa dos Santos Peres. Diagnóstico do autismo em meninas: revisão sistemática. **Revista Psicopedagogia**, v. 39, n. 120, p. 435–444, dez. 2022. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862022000300013. Acesso em: 27 jun. 2025.
18. CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid; SILVA, Laila Cristina da; RIBEIRO, Maria Cristina Cardoso. “Todo mundo quer ter um filho perfeito”: vivências de mães de crianças com autismo. **Psico-USF**, v. 23, n. 1, p. 105–114, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230105>. Acesso em: 6 jul. 2024.
19. OLIVEIRA, Lucimar Brandão de. O desejo de mãe a partir do diagnóstico de autismo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 1287–1300, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n3p1287-1300>. Acesso em: 4 out. 2024.
20. ROQUETTE, Viana C. et al. Parenting of children with autism spectrum disorder: a grounded theory study. **Healthcare (Basel)**, v. 9, n. 7, p. 872, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34356250>. Acesso em: 7 out. 2024.



21. CHIU, Yen-Nan et al. Determinantes da satisfação materna com a revelação do diagnóstico de autismo. **Journal of the Formosan Medical Association**, v. 113, n. 8, p. 540–548, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jfma.2012.07.040>. Acesso em: 28 out. 2024.
22. SMEHA, Luciane Najar; CEZAR, Pâmela Kurtz. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 1, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/QypM8WrpBcGX9LnwfvqgWpK/?lang=pt>. Acesso em: 5 jul. 2024.
23. WHITNEY, R. V. Em suas próprias palavras: mães narram a experiência vivida de criar filhos com distúrbios do desenvolvimento que se envolvem em conduta socialmente perturbadora. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 53, p. 3272–3279, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10803-022-05578-z>. Acesso em: 5 out. 2024.
24. VAN NIEKERK, Karli; STANCHEVA, Venera; SMITH, Cornelia. Caregiver burden among caregivers of children with autism spectrum disorder. **South African Journal of Psychiatry**, v. 29, n. 1, p. 1–9, 2023. Disponível em: http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2078-67862023000100034. Acesso em: 7 out. 2024.
25. GAGAT-MATULA, A. Resiliência e enfrentamento do estresse e satisfação conjugal dos pais de crianças com TEA durante a pandemia de COVID-19. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 19, n. 19, p. 12372, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph191912372>. Acesso em: 7 out. 2024.
26. LI, F. et al. Do comprometimento social infantil ao estresse parental em mães de crianças com TEA: o papel da autoeficácia parental e do apoio social. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, p. 1005748, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2022.1005748>. Acesso em: 7 out. 2024.
27. MONTEIRO, L. C. et al. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão para a enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 61, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000300009>. Acesso em: 2 jul. 2024.
28. RFAT, M.; KOÇAK, O.; UZUN, B. Desafios parentais em famílias de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo: um estudo qualitativo em Istambul. **Global Social Welfare**, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36852134/>. Acesso em: 7 out. 2024.
29. LIN, G. X. et al. Reavaliação, apoio social e esgotamento parental. **British Journal of Clinical Psychology**, v. 61, n. 4, p. 1089–1102, nov. 2022. DOI: 10.1111/bjc.12380. PMID: 35852015.
30. MAGALHÃES, E. A. et al. Vivências de familiares de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 42, 2021.



Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2021.20200437>. Acesso em: 7 out. 2024.

31. ESPER, M. V. et al. Grupo de apoio com pais de crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. **Revista Educação Especial**, v. 37, n. 1, p. e53/1–19, 2024. DOI: 10.5902/1984686X88907. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/88907>. Acesso em: 15 jul. 2025.
32. SILVA JÚNIOR, Elivaldo Dias; ARAÚJO, Luana Maria Ferreira; ROCHA, Renan Vieira de Santana. Grupo terapêutico para mães e pais de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): relato de experiência na formação em psicologia. **Revista Psicologia em Foco**, Frederico Westphalen, v. 13, n. 19, p. 21–31, 2021. Disponível em: <https://revistas.fw.uri.br/psicologiaemfoco/article/view/3897>. Acesso em: 11 nov. 2024.
33. FADDA, Gisella Mouta; CURY, Vera Engler. A experiência de mães e pais no relacionamento com o filho diagnosticado com autismo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, spe., 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe2>. Acesso em: 25 out. 2024.
34. ASMARE, R. F. et al. Rumo a uma prática de "nova maternidade"? As experiências de vida de mães que criam um filho com autismo na Etiópia urbana. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 20, n. 7, p. 5333, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph20075333>. Acesso em: 5 jul. 2024.
35. CHAIM, Maria P. M. et al. Fenomenologia da qualidade de vida de mães de crianças autistas. **Revista Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 26, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18065/2020v26n2.1>. Acesso em: 6 out. 2024.